

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

UNIVERSIDADE: COMUNIDADE ARGUMENTATIVA¹
UNIVERSITY: ARGUMENTATIVE COMMUNITY

Tércio Inácio Jung²

¹ Pesquisa no Doutorado em Educação

² Aluno da Pós-graduação em Educação nas Ciências - Doutorado

Resumo: A Universidade voltada para a qualificação profissional e técnica não é novidade para ninguém, entretanto, ela restrita a esta racionalidade funcionalista, segundo Habermas é que precisa ser crítica e amplamente debatido. A Universidade é o espaço privilegiado para o debate argumentativo dos saberes nas ciências, preocupada com a seriedade científica enraizada no mundo da vida.

Abstract: The university focused on professional and technical qualification is not new to anyone, however, it is restricted to this functionalist rationality, according to Habermas that needs to be critically and widely debated. The University is the privileged space for the argumentative debate of knowledge in the sciences, concerned with the scientific seriousness rooted in the world of life.

Palavras-chave: Linguagem, Universidade e Racionalidades

Keywords: Language, University and Rationalities

A Universidade, à luz do paradigma da Linguagem, é o caminho a ser construído durante este caminhar. Rememorando a ágora grega – lugar/prça onde os gregos debatiam assuntos e tomavam decisões coletivas – debruçar-me-ei sobre a temática da Universidade, em um diálogo profundo e incansável com a teoria de Habermas e colocarei minhas reflexões “na mesa” da comunidade científica para o debate e a argumentação fundamentada. Habermas traz elementos essenciais em sua obra que provocam e motivam o enfretamento dessa questão. Não no intuito de prescrever uma receita, mas para provocar uma reflexão crítica e construtiva sobre a questão em voga, ou melhor, potencializar a racionalidade comunicativa na e da Universidade não no intuito de substituir a razão instrumental, mas, somar-se a ela na constituição de uma racionalidade ampliada e situada no mundo da vida.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

O mundo da vida é o espaço das implicações sociais, o campo da deliberação em prol do legado humano e da incansável busca do entendimento entre as pessoas, superando o sistema¹ e a razão funcionalista (2012b), que visam apenas o uso, logo, a objetificação das pessoas para fins de produção para o capital². Impossível não lembrar, neste aspecto, a face da Universidade completamente voltada para a capacitação técnica-profissionalizante, isto é, para o mercado de trabalho, gerando a fragmentação, especialização e isolamento das ciências.

“Somente nessa dimensão de uma autorreflexão das ciências, podemos nos certificar dos interesses substanciais na liberdade de ensino e pesquisa; pois nessa dimensão podem ser descobertas também as implicações sociais de um processo aparentemente imanente de pesquisa [...] O autoesclarecimento das ciências sobre seu ancoramento específico nos contextos objetivos da vida cria o fundamento no qual o uso concreto de projetos individuais e de qualificações determinadas também pode ser demonstrado” (HABERMAS, 2013, p.575).

A responsabilidade de todos, especialmente dos diretamente envolvidos com a instituição Universidade, diante desta problemática é fundamental para enfrentar a mesma e recuperar o sentido perdido, qual seja, das ciências vinculadas a totalidade do mundo da vida. Trata-se aqui do compromisso público com o mundo da vida, instigando, através da linguagem e da capacidade argumentativa a necessidade de debates e entendimentos em todas as ciências, buscando vitalizar o sentido humano da Universidade.

Diferentemente de seus colegas da Escola de Frankfurt, que adotaram uma posição pessimista perante a racionalidade funcionalista, Habermas investe numa teoria ampla da racionalização e com raízes no mundo da vida, que, por sua vez, trata a racionalidade funcionalista como processo necessário, mas, que precisa ser superada no sentido de não subjugar a racionalidade comunicativa, a racionalidade da ação. Conforme Boufleuer (2001, p.13), o ser humano alcançou um grande domínio sobre a natureza, nas ciências da natureza exatas, mas, não avançou muito nas ciências sociais, ou seja, na questão da convivência, da ética e da justiça social; a razão técnico-instrumental floresceu e subjugou a razão prática.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Na busca de uma teoria social, ou melhor, de uma ciência social, voltada para a ação, ou antes disto, para racionalidade que coordena os planos de ação, Habermas acaba propondo a necessidade de mudança de paradigma. A razão binária “sujeito - objeto”, do paradigma da consciência, voltada unicamente para a dominação e manipulação dos objetos, deixa de ser o parâmetro exclusivo da razão, afinal, Habermas, insiste na relação “sujeito - sujeito” enquanto parâmetro da razão. Assim, ele supera o “dogma das essências”, acessível apenas aos indivíduos iluminados; os critérios de validade passam a ser vistos pelo viés da provisoriabilidade e do consenso, fruto da argumentação na busca do entendimento.

Com isto, as questões do mundo social, objetivo e subjetivo, ou seja, do mundo da vida, que antes até eram consideradas como irracionais - sobretudo as do mundo social e subjetivo - também passam ao âmbito da reflexão racional, já que são passíveis de entendimento intersubjetivo. É este o sentido do projeto habermasiano: elaborar uma teoria da racionalidade voltada aos modos de orientação da ação cognitivo-instrumental, prático-moral e estético-expressivo, segundo Bouffleur (2001, p.14).

A grande tarefa que Habermas (2012a) se propõe a realizar consiste em fundamentar uma racionalidade social coordenadora da ação, ação não só voltada ao êxito, mas, sobretudo ao entendimento, o que resulta no agir comunicativo habermasiano. Para tanto, ele tematiza criticamente a razão moderna, baseado em autores que o antecederam, como, por exemplo Lukács, que já denuncia que nós apreendemos as relações e vivências sob a forma de coisas/objetos, como se fossem parte do mundo objetivo, entretanto, as relações e vivências integram o mundo social partilhado ou o mundo subjetivo particular. Isto está/é arraigado de maneira sistemática em nós, afetando nossas estruturas simbólicas, nossa *forma de pensar*, de coordenar nossas ações, enfim, nossa *forma de existir* (HABERMAS, 2012a, p.612).

“Como um todo, o mundo da vida só atinge o campo da visão no momento em que nos colocamos como que às costas do ator e entendemos o agir comunicativo como elemento de um processo circular no qual o agente não aparece mais como iniciador, mas como produto de tradições nas quais ele está inserido, de grupos solidários aos quais ele pertence e de processos de socialização e de aprendizagem, aos quais ele está submetido. Após esse primeiro passo objetivador, a rede de ações comunicativas forma o meio

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

através do qual o mundo da vida se reproduz” (HABERMAS, 1990, p.94)

A dominação do ser humano sobre a natureza, *desmantelando sua intenção própria de descobrir a verdade* (HABERMAS, 2012a, p.657), converte-se em dominação do homem sobre o homem, em mundo administrado em nome da técnica, abrindo espaço para a eclosão da colonização, no seio da sociedade de consumo, pela indústria cultural.

A linguagem é o lugar no qual as pessoas podem se posicionar para sair do anonimato, da solidão, do egocentrismo e buscar a superação da colonização. O diálogo intersubjetivo é o principal meio e possibilidade de enfrentamento e resistência diante de ideologias, políticas e governos despreocupados com o legado humano, o que repercute na Universidade.

Neste campo, entra a responsabilidade dos sujeitos, do compromisso de quem cuida do mundo da vida. A racionalidade é do âmbito dos sujeitos que buscam o entendimento, que conduzem seu modo de ser no mundo. Espaço da linguagem do ator e não do expectador, do submisso, ou do indiferente diante do domínio de sistemas autoritários e colonizadores.

Neste paradigma da racionalidade comunicativa, a passividade não tem espaço, pois o “ser-sendo” está em constante movimento, interagindo consigo mesmo ou com os outros. Assim, em meio à contingência, emerge o ser de linguagem, o sujeito que vai se “fazendo-aprendendo”, dentro de seus limites e possibilidades na convivência com os outros.

Assim, busco, à luz da teoria habermasiana, pensar uma teoria/um outro sentido para Universidade, na perspectiva do sujeito enquanto ator social “sendo” no mundo da vida e não dos princípios absolutos, objetivos e eternos. Um ator/ser capaz de aprender, pensar, falar/argumentar e agir em sociedade. É um sujeito concebido como um “ente-sendo”, enquanto ser histórico e social em permanente processo de aprendizagem intersubjetiva no mundo da vida.

“O que nós necessitamos é de um pouco mais de práticas solidárias; sem isso, o próprio agir inteligente permanece sem consistência e sem consequências. No entanto, tais práticas necessitam de instituições racionais, de regras e formas de comunicação, que não sobrecarreguem

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

moralmente os cidadãos e sim, elevem em pequenas doses a virtude de se orientar pelo bem comum” (HABERMAS, 1993, p.94).

Parece que aí cabe recuperar o sentido da Universidade, ou seja, como fomentar nesta instituição a formação de atores sociais - sujeitos emancipados e coletivos - preocupados com o bem comum? Resposta que incontestavelmente resulta no paradigma da linguagem como médium para investir e insistir na virtude da responsabilidade pelo bem comum, conscientizando e incentivando - além de dar exemplo - a coordenação das ações pelo entendimento, numa constante relação entre sujeitos, atores dentro das universidades, constituindo a comunidade científica, competente para argumentar e contribuir na construção coletiva das ciências.

Na Universidade atual e real, transparece a necessidade de ressignificá-la, de forma que se possa ultrapassar o “fim” mercadológico, ou seja, a capacitação meramente técnica e instrumental - diplomadora de especialistas - e caminhar em direção a formação do “indivíduo coletivo/social”, inclusive no seus processos de aprendizagem, sempre aberto e exposto ao outro, ou melhor, não que conhece sozinho e/ou isoladamente, pois as ciências também estão imersas no mundo da vida, historicamente constituído pela cultura e pela linguagem.

O estreitamento provocado pela racionalidade funcional também limita uma abordagem adequada da complexidade que é a Universidade, permeada por uma teia de relacionamentos entre sujeitos, diferentes funções, diversas ciências, o que inviabiliza um funcionamento mecânico, requerendo não apenas uma racionalidade mais ampla, vinculada à totalidade do mundo da vida dos sujeitos envolvidos, mas também, a coordenação da ação de atores sociais, inseridos numa comunidade comunicativa de argumentação científica.

Segundo Habermas, no artigo *A Ideia da Universidade: Processos de Aprendizagem*³, citando Jaspers, afirma que uma instituição só manterá seu sentido na medida em que *encarnar de forma viva* a ideia que lhe é inerente. Quando o espírito - a forma viva - abandona a instituição, ela se cristaliza em algo meramente mecânico, do mesmo modo que o organismo desanimado se desintegra em matéria morta (HABERMAS, 1993, p.111). Mas, considerando que o artigo trata da instituição Universidade, em que consiste a forma viva, o espírito que anima o corpo Universidade? Na página 128 discorre Habermas: A resposta encontramos-la em Schleiermacher, qual seja, “O princípio primeiro de todo o

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

esforço voltado para o conhecimento é o da comunicação.”

“Apoio-me, sem sentimentalismo, nesta passagem da “Ideias soltas sobre as universidades de um ponto de vista alemão”, de Schleiermacher, porque acredito verdadeiramente que são as formas comunicativas da argumentação científica que afinal permitem dar coesão e unidade aos processos de aprendizagem universitária nas suas diversas funções. Schleiermacher considera que é uma ilusão oca pensar-se que um indivíduo que se dedica à atividade científica pode viver isolado com o seu trabalho e os projetos: por mais que pareça que ele trabalha isolado na biblioteca, na secretaria ou no laboratório, os seus processos de aprendizagem inserem-se inevitavelmente numa comunidade comunicativa e pública de investigadores” (HABERMAS, 1993, p.129)

Popper (1978, p. 59) também reforça a importância da exposição à crítica interpessoal, das descobertas e teorias científicas, que podem ser formuladas linguisticamente. Para ele isto significa abertura à crítica e à investigação, *o que pode nos livrar de uma teoria mal ajustada, evitando assim que a adoção da teoria nos torne incapacitados a sobreviver; ao criticar nossas teorias podemos deixá-las morrer em nosso lugar.* Ele ainda realça que a linguagem humana potencializa a imaginação criativa, que, por isto, requer algum tipo de controle, desempenhado na ciência pela crítica interpessoal - *a amistosa cooperação hostil entre os cientistas que é baseada, parte na competição e parte no objetivo comum de lutar perto da verdade.*

“É lógico que o cientista individual pode desejar estabelecer sua teoria ao invés de refutá-la [...] Além disso, se ele próprio não examinar criticamente sua teoria favorita, outros o farão por ele. Os únicos resultados que serão por eles considerados como sustentadores da teoria serão os fracassos das tentativas interessantes para refutá-la; fracassos em encontrar contraexemplos onde tais contraexemplos seriam mais esperados, à luz da melhor das teorias concorrentes” (idem).

Assim como Popper, em seu texto *A Racionalidade das Revoluções Científicas*, deixa claro que toda descoberta científica precisa ser aberta crítica interpessoal, o que ocorre pela via da argumentação e do entendimento, Habermas, mais ainda,

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

insiste nesta vital necessidade das ciências, ou melhor, o princípio de todo conhecimento é o da comunicação/da linguagem e é na “mesa comum” da argumentação e do entendimento que a vitalidade das ciências se alimenta. Habermas ainda denuncia em seu texto *A Ideia da Universidade*, que *a verdade nunca poderá se transformar num fator de comando de um sistema autorregulado*, remetendo novamente a necessidade da procura cooperativa da verdade.

Há outro sentido possível e necessário para a Universidade, superando a fragmentação da ciência ditada pelo *sistema* - esfera regida por mecanismos autorregulados como o mercado e o poder administrativo - para favorecer a concepção da ciência vinculada a totalidade do *mundo da vida* - a esfera regulada pela busca do entendimento através de procedimentos mediados linguisticamente - onde ocorrem os processos vitais de produção e transmissão cultural, de socialização e de formação da personalidade.

O tempo da Universidade é um momento fundamental na existência do ser-aí dos estudantes e um espaço de grande potencial enquanto possibilidade do desenvolvimento e formação das múltiplas capacidades e dimensões do sujeito. O desenvolvimento da competência comunicativa/da linguagem, como modo de argumentação científica; entender-se com os outros acerca dos conhecimentos, objetos, fatos e situações do mundo objetivo, subjetivo e social; reconhecer-se na relação com os demais como ser único, mas coletivo; interagir e conviver com os outros membros do mundo intersubjetivo; julgar as situações e as questões morais desde uma perspectiva cada vez mais descentrada e universal; estar aberto a novas experiências e continuar aprendendo enquanto ser no mundo da vida; reconhecer os próprios limites - inclusive das verdades provisórias - e o caráter finito e singular da própria existência.

REFERÊNCIAS

BOUFLEUER, José Pedro. *Pedagogia da Ação Comunicativa: uma leitura de Habermas*. 3.ed. Ijuí: Unijuí, 2001.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

CASAGRANDE, Cledes Antonio. *Educação, Intersubjetividade e aprendizagem em Habermas*. Ijuí: Unijui, 2009.

CONDORCET, Jean-Antoine-Nicolas de Caritat, Marquis de, 1743-1794. *Cinco memórias sobre a instrução pública*. São Paulo: UNESP, 2008.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria do Agir Comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012a.

_____. *Teoria do Agir Comunicativo: sobre a crítica da razão funcionalista*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012b.

_____. *Teoria e Práxis: estudos de filosofia social*. São Paulo: Unesp, 2013.

_____. *Passado como futuro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

KANT, Immanuel. In.: *Os Pensadores*. 1.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

SILVA, Sidinei Pithan da. *Pós-Modernidade, Capitalismo e Educação: a universidade na crise do projeto social moderno*. Curitiba: Appris, 2016.

¹ “A esperança está em reconquistar para o mundo vivido os espaços perdidos para o sistema, mediante uma contraposição da razão comunicativa à razão técnico-instrumental. Ou seja, faz-se necessário criar instâncias de comunicação sem coação. Trata-se, em outros termos, da opção pelo agir comunicativo, mesmo que tenhamos consciência de que é impossível agir de modo comunicativo, visando ao entendimento e à justificação racional das falas e ações, o tempo todo” (CASAGRANDE, 2009, p.78)

² “A universidade assume, sob esse pressuposto, um novo papel cultural, moral e político, em que deve ajudar a construir e legitimar o projeto da sociedade industrial moderna (sob a égide do Estado), buscando, sobretudo, construir, pelas luzes da razão subjetiva, e pela prática sistemática da educação, sujeitos autônomos (esclarecidos), capazes de participar e assegurar o progresso permanente e infinito da sociedade produtiva (e liberal)” (SILVA, 2016, p.51)

³ R. bras. Est, pedagog., v.74, p.111-130, jan/abr. 1993